

Cecchin & Boscolo 2003: Experiência de um Grupo de Brasileiros em Milão

*Nira Lopes Acquaviva¹
Alessandra de Matas Soares²
Ana Paula Kolling Belmonte³*

Resumo

Este artigo pretende contar a experiência de um grupo de brasileiros em visita aos Associados de Milão no Centro Milanese di Terapia della Famiglia, na Itália, um dos mais importantes centros de ensino de terapia de Família no mundo. Esta viagem deu-se em fevereiro de 2003 e teve como objetivo observar e conhecer a prática da Terapia Familiar do Dr. Luigi Boscolo e do Dr. Gianfranco Cecchin em seu próprio ambiente de trabalho.

Palavras-chave: *Terapia familiar; Associados de Milão; experiência.*

Cecchin & Boscolo 2003: Experience of a Group of Brazilians in Milan

Abstract

This article intends to report the experience of a Brazilian group visiting the Milan Associates in the Centro Milanese di Terapia della Famiglia, one of the most important teaching centers of Family Therapy in the world, located in Italy. This trip happened in February 2003 and had the goal of observing and studying Dr. Luigi Boscolo's and Dr. Gianfranco Cecchin's family therapy practice in their own work environment.

Keywords: *Family Therapy; Milan Associates; experience.*

1 Psicóloga Clínica e Terapeuta de Casal e Família, Coordenadora do DOMUS

2 Psicóloga Clínica concluindo o Curso de Formação em Terapia de Família e Casal no DOMUS

3 Graduanda do Curso de Psicologia pela PUCRS e estagiária em Psicologia Clínica no DOMUS

Em fevereiro de 2003, um grupo de brasileiros fez-se presente na Via Leopardi, nº 19, em visita aos Associados de Milão no *Centro Milanese di Terapia della Famiglia*.

Este grupo foi organizado a partir do DOMUS - Centro de Terapia de Casal e Família, localizado em Porto Alegre, pela Psicóloga Nira Lopes Acquaviva que, em 2001, em visita de estudos ao Centro, havia agendado um curso para brasileiros com os Doutores Gianfranco Cecchin e Luigi Boscolo. O primeiro contato fora propiciado por Maria Lúcia Mendonça Coelho, psicóloga paulista atuante na Itália, tendo inclusive dado seminários no Centro Milanês, a qual serviu de intérprete neste curso em 2003.

O grupo de brasileiros em Milão contava com Miriam Tassinari (Campinas - SP), Wedja Granja Costa (Fortaleza - CE), Carlos Irineu G. Costa (Fortaleza - CE), Angela Polgati Diehl (Porto Alegre - RS), Sérgio Acquaviva (Porto Alegre - RS) e Verônica Figueiró Gonçalves (Porto Alegre - RS), além das já referidas autoras deste artigo.

No programa, estavam previstos três dias acompanhando o Dr. Cecchin e três dias o Dr. Boscolo nas atividades docentes com seus próprios grupos, sendo estes constituídos por alunos em formação nas sedes do Centro Milanês e cidades próximas. As atividades previstas compreendiam trabalho sobre o "self do terapeuta", "atendimento de famílias ao vivo" e "em fitas", e "discussão de casos". Os seminários teóricos dos grupos presentes neste período são realizados nas cidades de origem dos mesmos. Isto significa que tivemos a oportunidade de conviver com profissionais em formação de diversos pontos do norte da Itália.

Neste texto, relataremos nossas experiências e impressões acerca destas semanas vividas em Milão, que repercutem em nós até hoje.

A Escola

Em 1967, Mara Selvini Palazzoli, psiquiatra e psicanalista, tendo tomado contato com material publicado por pioneiros no trabalho com famílias e visitado centros americanos especializados no tema, organiza em Milão o Centro per lo Studio della Famiglia. O grupo enfrentou algumas dificuldades e passou por várias configurações de associados até estabilizar-se em fins de 1971 com Mara Selvini Palazzoli, Giuliana Prata, Gianfranco Cecchin e Luigi Boscolo, tornando-se muito rapidamente reconhecido, pois já em 1972 havia famílias em número superior ao que o centro podia absorver. O grupo obtém renome internacional por seu trabalho profícuo e criativo: a conotação positiva, a hipotetização e as perguntas circulares são instrumentos básicos de terapeutas familiares ainda hoje (Selvini Palazzoli, 1980; Selvini Palazzoli, 1988).

Em 1980, houve uma separação desse grupo. Selvini Palazzoli e Prata desen-

volveram um outro instituto com maior ênfase em pesquisa. Já Boscolo e Cecchin continuaram voltados para a área de formação de terapeutas com o Centro Milanese di Terapia della Famiglia (Boscolo, 1987 & Nichols & Schwartz, 1998).

Atualmente, Cecchin e Boscolo se revezam a cada quinze dias na direção do Centro. Quando um deles está coordenando as atividades da escola, o outro está viajando e dando cursos ou realizando palestras.

A entrada no curso de formação se dá por meio de um processo seletivo com a avaliação do título e do currículo do candidato, além de uma entrevista individual. São admitidos médicos e psicólogos, que recebem o certificado de Terapeuta de Família ao final do curso. Para outros profissionais, a Escola oferece um Curso mais curto com encontros duas vezes ao mês e participação na equipe atrás do espelho. Esses profissionais não receberão certificado de terapeutas de família, pois o regulamento deste título, na Itália, exige graduação como médico ou psicólogo.

De acordo com nossas anotações e material de divulgação cedido pelo Centro, vimos que o curso de formação em Milão tem a duração de quatro anos com seminários quinzenais e uma carga horária de 500 horas anuais, sendo 120 horas destinadas ao estágio. Nos dois primeiros anos, os alunos participam apenas da equipe atrás do espelho e nos últimos dois dedicam-se à prática como terapeuta.

Além de participar da equipe atrás do espelho no atendimento às famílias duas vezes por semana, o aluno deve assistir a palestras em um fim de semana por mês e também a conferências fora da Escola, quatro vezes ao ano. No final do terceiro ano, o aluno deve apresentar uma tese teórico-prática.

Constatamos que o Centro mantém até hoje a modalidade instituída pelo grupo original, oferecendo atendimento para as famílias com frequência mensal e com uma média de dez sessões. Nos primeiro anos, as sessões eram semanais, mas isto era impossível para muitas famílias vindas de longe devido à fama do Centro. Concedia-se a elas a exceção de comparecer a uma só sessão por mês, constatando-se, quase que por casualidade, que a ocorrência de entrevistas mais espaçadas gerava um maior nível de eficácia para o tratamento. Por este motivo, o grupo de Milão resolveu aderir a sessões mensais, acreditando que os comentários, prescrições e rituais exercem um maior impacto no sistema familiar se atuarem em um tempo mais prolongado. O número reduzido de sessões se deve ao objetivo do trabalho desenvolvido que é "colocar a família em movimento", nas palavras do Dr. Cecchin, e fazer com que a família tenha mais responsabilidade sobre a terapia. É importante salientar poder uma sessão chegar a ter quatro horas de duração, englobando a pré-sessão, entrevista, discussão, devolução e pós-sessão (Selvini Palazzoli, 1988).

Três dias com Dr. Cecchin

A primeira vista Cecchin parece alguém muito reservado e sério, mas ao longo da nossa convivência fomos descobrindo uma pessoa bastante flexível e aberta às nossas inquietações e opiniões. Ele próprio salientou o quanto se nutre da discussão com a equipe nos intervalos da entrevista familiar, o que tivemos a oportunidade de constatar nos atendimentos.

No dia em que uma família não compareceu (isso acontece em Milão também!), Cecchin ofereceu-nos uma reunião privada com o grupo de brasileiros. Durante a manhã fluiu uma conversa informal a respeito do que havíamos observado. Explicou-nos várias de suas intervenções e seu modo de ver o tratamento de família. Das anotações daquele dia, destacaremos aqui alguns tópicos.

Cecchin afirma não ser preciso preocupar-se com o "joining" no início do tratamento, o que nos pareceu uma referência clara à insistência de Minuchin (1990) quanto a este ponto. Ao buscar terapia, a família vem para falar de seus problemas, não havendo razão alguma para não se começar falando sobre eles. Prefere ir direto no conflito, mesmo correndo o risco de a família abandonar o tratamento, o que, segundo ele, raramente acontece. A respeito disso temos duas observações: por um lado, o olhar do Dr. Cecchin e a forma suave como se apresenta, transmitindo acolhimento, "apuram" a fase de socialização. Por outro lado, o reconhecimento internacional de um terapeuta deve certamente pesar na impressão das famílias, diminuindo o percentual de abandonos, com ou sem "joining".

Enfatizou muito a importância de o terapeuta nunca utilizar o verbo "ser", mas sim pensar em termos de "estar", "ficar", "parecer". Por exemplo, numa família em que todos elogiaram o pai, mas este parecia prestes a explodir, perguntou à esposa: "Que coisas você precisa fazer para que seu *marido fique* brabo?". A isto denomina Discurso Relacional, envolvendo os membros da família sem se fixar em nenhum deles em específico. Aqui ele enfoca a relação e não a pessoa. O que importa não é o que o pai efetivamente *é*, mas sim como a família o vê. Não é que as pessoas *sejam* de determinada maneira, elas são *vistas* assim pelos outros (Cecchin, 1989).

Nesta linha, utiliza Perguntas Circulares feitas de forma a envolver todos os membros da família, buscando enfatizar a relação entre eles e não as características inerentes a cada um. Isto esvazia a intervenção de qualquer caráter acusatório. Para isso contribui também o comportamento não-verbal de Cecchin. Além disso, apesar de usar também de interpretações, utiliza-se de provocação, por vezes irônica, instigando a família a entrar em contato com suas dificuldades ou conflitos. O importante é que a provocação, termo utilizado inicialmente por Jackson, dirige-se sempre aos mecanismos da família e nunca às pessoas em si (Cecchin, 1989, Boscolo, 1987, Selvini Palazzoli, 1980 & Miermont, 1994).

A eliminação do verbo "ser" também é válida para atribuições positivas a respeito de dado membro da família, porque se é feito um "elogio" para um dos membros isso pode significar que o outro não possui esta qualidade.

Observamos o uso do genograma em duas situações diferentes. No grupo de alunos italianos foi oferecido a oportunidade de se trabalhar o genograma de um de seus integrantes. Ao contrário do que acontece em diversos Centros de nosso país, lá esta não é uma atividade obrigatória, o que coincide com a posição do DOMUS. Também constatamos a preocupação de Cecchin com o aluno, perguntando se este se sentia confortável ao final do trabalho. Por outro lado, observamos o uso do genograma para supervisão de um caso atendido no DOMUS pela psicóloga Alessandra Matas Soares e por ela relatado.

Cecchin tem uma metodologia para o uso do genograma. Vimos nas duas ocasiões o seguinte roteiro:

- 1) apresentação do genograma de um caso para o grupo;
- 2) abertura para perguntas objetivas ao profissional que está apresentando o caso sobre fatos relacionados aos dados trazidos;
- 3) fantasias do grupo à respeito dos dados, sem a participação de quem apresentou o genograma;
- 4) levantamento de hipóteses sobre a dinâmica familiar;
- 5) discussão de possíveis intervenções na família, com a participação de quem apresentou o genograma e do grupo.

Achamos particularmente importante as considerações sobre a finalização da terapia, que varia de acordo com a evolução da família. O importante é colocar a família em movimento e não "curá-la" de todos os seus problemas.

Três dias com Dr. Boscolo

A segunda parte de nossa programação constituiu-se em acompanhar as entrevistas de família do Dr. Luigi Boscolo e seu grupo de alunos. Tanto por seu porte físico (alto e forte), quanto por seu comportamento não-verbal, Boscolo impõem-se como autoridade, colocando-se numa posição didática, centrado no foco por ele escolhido.

Em seu trabalho, propõe o entendimento e a diretriz das intervenções de forma expositiva e os alunos se mantêm predominantemente na condição de ouvintes. Nós o vimos entrar em uma sessão em andamento e assumir totalmente o controle do restante da entrevista, enquanto o terapeuta permaneceu calado. Explicou-nos que o fazia na condição de supervisor, por ter a responsabilidade final sobre o trabalho no Centro.

Chamou-nos também a atenção por mencionar freqüentemente o grupo pioneiro liderado por Mara Selvini Palazzoli, citado diversas vezes neste texto. Em uma

dessas ocasiões, quando assistimos uma família com anorexia, propôs ao casal sair uma vez por semana para jantar, devendo conversar somente a respeito deles próprios, sendo proibido falar em suas filhas. Além disso, o casal não poderia revelar o porquê deste programa para as mesmas. Esta estratégia terapêutica é uma forma de utilizar a "*prescrição invariável*" de Mara Selvini Palazzoli (1990).

Explicou-nos que utiliza em casos de anorexia conceitos de jogos patológicos de Selvini para formar uma compreensão da dinâmica familiar da(o) adolescente anoréxica(o). Em um dos jogos a filha anoréxica quer amar a mãe, ter a atenção dela, porém não tem segurança deste amor. Então, quando esta mãe lhe dá atenção, a filha não sabe dizer se é por causa de si própria ou se é devido a sua doença. O outro é quando a menina ama o pai e, durante a adolescência, temendo a fantasia do incesto, desenvolve a anorexia como uma defesa contra o mesmo.

Entre suas intervenções chamou-nos especialmente a atenção o que denominou "pesquisa noturna". Esta consiste em saber como é a rotina noturna da família, investigando onde ficam os cômodos da casa, a que horas costumam dormir, quem dorme onde, quem dorme com quem e assim por diante.

Com outra família, utilizou uma técnica de contar histórias para o paciente, explicando-nos ser esta uma criação de Milton Erickson. Boscolo enfatizou que o terapeuta pode inventar ou usar uma história já existente, desde que esta tenha um forte conteúdo emocional, para poder criar um efeito hipnótico e distanciar a família do conflito, mas ligá-la ao afeto do relato. O terapeuta, portanto, contará uma história, mas quem dará o significado para ela é a própria família. Ele acrescenta que o material deve ter um final feliz para que a família veja que há a possibilidade da sua própria história ter um final semelhante (Haley, 1989).

Considerações Gerais

A oportunidade de observar "in loco" o trabalho de dois reconhecidos mestres em Terapia Familiar foi uma experiência extraordinária, pois ver ao vivo e em seu próprio local de prática a forma como eles realizam seus atendimentos é uma vivência emocional muito intensa, diferente de ler relatos de seus livros ou mesmo da impressão causada nos eventos em que participam como consultores convidados.

Destacamos que os estilos de trabalho desses profissionais são muito diferentes entre si, sendo que o que vivenciamos aqui no DOMUS assemelha-se muito ao modelo utilizado pelo Dr. Cecchin, no qual fica clara a incorporação do modelo pós-moderno de terapia, especialmente das contribuições do Construcionismo, uma abordagem com a adoção do "não saber" por parte do terapeuta (Cecchin, 1996; Neimeyer, 1997).

As discussões após as aulas a respeito dos casos apresentados foram muito

ricas, pois além de termos as opiniões dos "mestres", de profissionais experientes, de profissionais recém formados e de estudantes, pudemos contar com a diversidade do conhecimento apresentado em nosso próprio grupo devido ao fato deste ser composto por pessoas de diferentes regiões do Brasil.

Chamou-nos a atenção o fato da clientela do Centro ser composta tanto por famílias de baixa renda, geralmente trazidas pelos alunos de seus outros locais de estágios, quanto por famílias com alto poder aquisitivo, que também tivemos oportunidade de observar: empresários internacionais do ramo de jóias e do ramo imobiliário. Tanto famílias de baixa renda, quanto as muito ricas podem ser atendidas em salas com espelho por Cecchin e Boscolo. O fato de famílias muito abastadas disporem-se ao atendimento com equipe parece-nos dever-se ao reconhecimento internacional do Centro liderado por Cecchin e Boscolo.

Outro fato que nos causou impacto foi ver o alto índice de casos atendidos de adolescentes com anorexia no Centro.

Impressões pessoais

A nossa inserção na equipe de Milão ocorreu de forma gradual. No início, ficamos só observando o grupo e, ao longo do curso, com a percepção de como ele funcionava, passamos a interagir mais com o grupo de alunos italianos e com os dois mestres, questionando algumas práticas observadas. Frente a uma pergunta, Boscolo chegou a responder-nos com explicações básicas sobre a prática da Terapia Familiar, tal como formas de supervisão, co-terapia e equipe atrás do espelho; sendo necessário que esclarecêssemos ao grupo nossa prática no DOMUS, muito semelhante ao que estávamos vendo ali. Isto nos leva a pensar no quanto o trabalho em nosso país é desconhecido na Itália. Porém, de uma forma geral, fomos bem acolhidos pelo grupo de Milão, que esclareceu nossos questionamentos e proporcionou uma boa abertura para que nós expressássemos nossas opiniões e nossos entendimentos sobre os casos vistos e relatados.

Destacamos ainda fatores não ligados diretamente ao curso, mas que certamente contribuíram para o nosso aproveitamento: a disponibilidade de nossa intérprete, Maria Lúcia, o extraordinário clima de nosso grupo (entrosado o suficiente para, apesar de tão heterogêneo, chegar ao acordo de cruzar a pé quase todos os dias os vários quilômetros que separavam o hotel do Centro e vice-versa!) e a beleza da cidade de Milão, que nos proporcionou atrações incríveis para visitarmos em nossos intervalos, tais como o Duomo, o famoso "Cenaculo" de Da Vinci, o Castelo Sforzesco e a Galeria Vittorio Emanuele.

Referências

- Boscolo, L.; Cecchin, G.; Hoffman, L. & Penn, P. (1987). *Terapia familiar sistêmica de Milán: diálogos sobre teoria y práctica*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Cecchin, G. (1989). Nueva visita a la hipotetización, la circularidad y la neutralidad una invitación a la curiosidad. *Sistemas Familiares*, 5(1), p. 9-17.
- Cecchin, G. (1996). Construcionismo social e irreverência terapêutica. In D. Schnitman, (org). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Haley, J.(1989). *Terapia no convencional: las técnicas psiquiátricas de Milton H. Erickson*. Buenos Aires: Amorrortu.
- McGoldrick, M. & Gerson, R. (1987). *Genogramas en la evaluación familiar*. Buenos Aires: Gedisa.
- Miermont, J. (org). (1994). *Dicionário de terapias familiares: teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. (1990). *Famílias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Neimeyer, R. (1997). Psicoterapias construtivistas: características, fundamentações e futuras direções. In R. Neimeyer & M. Mahoney, *Construtivismo em psicoterapia*. (pp. 15-37). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nichols, M. P. & Schwartz, R. C. (1998). *Terapia familiar: conceito e métodos*. (3ª ed.). Porto Alegre: ArtMed.
- Selvini Palazzoli, M., Cirillo, S., Selvini, M. Sorrentino, A. M. (1990). *Los juegos psicóticos en la familia*. Buenos Aires: Paidós.
- Selvini Palazzoli, M., Boscolo, L., Cecchin, G. & Prata, G. (1980). Hypothesizing, circularity, neutrality: three guidelines for the conductor of the session. *Family Process* 19,3-12.
- Selvini Palazzoli, M.; Boscolo, L.; Cecchin, G. & Prata, G. (1988). *Paradoja Y contraparadoja*. Barcelona: Paidós, 1988.

Endereço para correspondência

E-mail: nira.acquaviva@terra.com.br

Recebido em 25/09/2003

Aceito em 16/10/2003